

## CONFISSÕES OBSCENAS PARA UMA DONA DE CASA: REGISTROS (IN)CERTOS DO GOZO

Maria Genecleide Dias de Souza (UFPB)<sup>1</sup>  
Hermano de França Rodrigues (UFPB)<sup>2</sup>

**Resumo:** A comunicação propõe a leitura analítica do conto “Obscenidades para uma dona de casa”, do escritor Ignácio Loyola Brandão. Considerando os pressupostos psicanalíticos e teóricos sobre a sexualidade feminina apresentados por Dolto (1996), Freud (2016) e filosóficos de Beauvoir (2016). Discute-se na análise a construção da obscenidade, interdito, transgredido, que impulsiona a ação para a continuidade do sentido de existência da personagem feminina no contexto da instituição do casamento, precipitando-se como eixo de rompimento e desenvolvimento da sexualidade, enquanto estrutura representativa do desejo da mulher. Aliando-se a essa leitura a própria interface do erotismo como imagem, signo e palavra.

**Palavras-chave:** Literatura; Sexualidade feminina; Psicanálise

### Introdução

A literatura enquanto espaço artístico sempre ofertou um terreno democrático dos mais variados temas. Não obstante ela descortina temáticas sobre o erotismo e a pornografia desde a antiguidade. Um importante exemplo dessa literatura é a obra Grega, *Lisístrata* de Aristófanes escrita em 411 a.C.

Na idade média um dos grandes poetas eróticos foi Eustache Deschamps. A partir da poesia lírica vai imprimindo novas formas de expressão com os rondós, baladas e também o fabliaux (contos rimados recitados pelos menestréis em público). A literatura encontra outras formas de se reinventar por palavras, um bom exemplo é o romance erótico, *Flamenca*, escrita por André o Capelão no séc. XIII, e o livro *Decameron* do renascentista Boccaccio escrita no séc. XIV (ALEXANDRIAN, 1993).

Ainda na idade média, começa as problematizações sobre a noção de luxúria. De acordo com Alexandrian (1993, pag. 35) “consiste em se entregar imoderadamente aos prazeres sexuais” apesar de combatida ferozmente pelo discurso religioso, encontrou condescendência na literatura e na arte, que experimentava pela palavra novas formas narrativas.

A estudiosa em erotismo e pornografia Eliane Moraes (2003), nos mostra que o poeta e escritor renascentista, Aretino, foi um dos precursores de uma cultura pornográfica. Fazendo uso de palavras como “pau”, “cú”, “boceta”, “foda” ao invés dos

<sup>1</sup>Mestranda em Letras (UFPB). Contato: [geneclideanz@hotmail.com](mailto:geneclideanz@hotmail.com)

<sup>2</sup>Dr. Em Letras (UFPB) e professor na mesma instituição. Contato: [hermanorg@gmail.com](mailto:hermanorg@gmail.com)

seus substitutos como os nomes anatomicamente técnicos. Ele traz para o bojo da trama os prazeres sexuais. Aretino, escreveu, romances, peças teatrais e um famoso livro de poemas chamado *Sonetos Luxuriosos*.

A idade moderna, também, marcada pelo surgimento de alguns nomes, como o Marquês de Sade (obras: *Justine*; *A filosofia na alcova*; *120 dias de Sodoma*, dentre outros títulos) e Sacher – Masoch (seu famoso livro: *A Vênus das peles*) cuja materialidade dos seus escritos centraliza nas várias possibilidades de expressar a sexualidade, registram suas obras dentro desse contexto da literatura erótica.

As obras contemporâneas contam com uma ampla representatividade de registros nas diversas formas de gêneros literários. Anais Nin, escreveu, *Delta de Vênus* um livro de contos eróticos, com as mais variadas histórias para entreter o leitor. No Brasil o romance de João Ubaldo Ribeiro, *A casa dos budas ditosos*, ganhou bastante visibilidade pela crítica e traz o relato em fitas de uma mulher de 68 anos de idade narrando as diversas experiências sexuais.

Anterior ao romance de João Ubaldo Ribeiro, o escritor Ignácio de Loyola Brandão, lança em 1983, o conto *Obcenidades para uma dona de casa*. Este porém é o objeto de análise desse artigo. O conto se desenvolve a partir das ações da personagem sem nome. Uma mulher casada, com filhos, que sente profundo anseio na expectativa das cartas que tem recebido. Porém, tem receio das cartas serem descobertas por outras pessoas, pelo seu teor sexual, que ora fala “os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida” (BRANDÃO, 2009, Pag. 465). Ora demonstra mais ousadia, “a tua boca engolindo inteiro o meu cacete e o meu creme descendo pela tua garganta, para te lubrificar inteira” (BRANDÃO, 2009, Pag. 466). Tais correspondências têm despertado o seu desejo, “ficava excitada só em pensar” (BRANDÃO, 2009, Pag. 465). A tessitura destas frases desenha o gozo corporificado pela palavra, colorindo novas possibilidades de expressar a sua sexualidade. A palavra vai compondo novos contornos na rotina da dona de casa, alcançando o desenlace autoerótico no corpo a partir das suas subjetividades. De acordo com os pressupostos de Simone de Beauvoir (2016) a mulher é compelida para a instituição do casamento, bem como, fica subalternizada à figura masculina, e sexualmente se torna passiva, suprimindo a vida erótica. No entanto, a protagonista

procura descortinar a sua rotina através das leituras das cartas obscenas, bem como escrevê-las e enviá-las para si mesma.

Neste trabalho temos o intuito de utilizarmos os pressupostos psicanalíticos problematizando os conceitos de erotismo e pornografia situando o conto dentro de uma dessas perspectivas e discutir analiticamente a construção da obscenidade e do conceito de interdito que ao ser transgredido, impulsiona a ação narrativa para a continuidade do sentido de existência da personagem feminina no contexto da instituição do casamento, circunscrevendo subjetivamente novas possibilidades de vivenciar a sexualidade.

### **Desnudamentos do obsceno**

De acordo com Moraes (2003) “obsceno” é uma palavra latina que significa “mau agouro”, no entanto culturalmente sofreu transformações tomando como característica desse signo como aquele que fere o pudor utilizando por meio de imagens ou palavras a representação explícita do sexo.

Moraes & Lapeiz (1985, pag. 8) explicam que o obsceno é aquilo que fere o pudor, mas deixa revelar o impuro, “colocando em cena aquilo que deveria estar nos bastidores”. O obsceno em uma leitura estreita com a pornografia pode explicá-la “como o discurso veiculador do obsceno”. Sendo, aquilo que se mostra, mas, no entanto, deveria estar escondido, “o sexo fora de lugar”.

O obsceno ganhou mercado no século XVI com a circulação de materiais baratos. E a reprodução das formas de atuação sexual que chamava atenção dos consumidores. A partir das discussões teóricas que propõe Moraes (2003, pag. 129),

É difícil delimitar as fronteiras entre o que é literatura pornográfica e o que a literatura erótica. A dificuldade de se estabelecer as diferenças entre o que seria “erótico” ou “pornográfico” – reafirmada pelos historiadores, que preferem empregar os dois termos indistintamente – também decorre da mesma indeterminação formal que impede o reconhecimento de um gênero literário.

No entanto o livro o discurso pornográfico de Dominique Maingueneau (2010) a literatura pornográfica tem um discurso propenso ao obsceno e está destinado a proibição. Evoca no leito o desejo do gozo, mesmo não sendo a finalidade mais explícita do autor.

Dessa maneira tratamos aqui neste artigo o conto *Obscenidades para uma dona de casa*, como um texto pornográfico que deixa as escancaradas o descortinamento das palavras obscenas, reiteradas ao longo do texto “Nem pau, nem pinto, cacete, caralho, mandioca, pica, piça, piaba, pincel, pimba, pila, careca, bilola, banana, vara, trouxa, trabuco, traíra, teca, sulapa, sarsarugo, seringa, manjuba.” (BRANDÃO, 2009, Pag. 466). E que desenham imagens de uma efusão da performance sexual dos amantes.

### **Devaneios epistolares: registros do desejo**

De acordo com Freud no texto *Escritores criativos e devaneios de 1908*. Ele explica que o devaneio é o sonho acordado. É esboçar as fantasias no pensamento sabendo que o faz. As fantasias são objetos do desejo provocados no mundo real. Dessa maneira alguns desejos podem provocar fantasias tão ocultas e embaraçosas para a realidade que a concebe, que o indivíduo sente vergonha e se esforça para ocultá-las, interditando a concretização ao mundo real desse desejo da qual se revela por meio da sua fantasia.

Podemos partir da tese que uma pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita. As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória. Os desejos motivadores variam de acordo com o sexo, o caráter e as circunstância da pessoa que fantasia, dividindo-se naturalmente em dois grupos principais: ou são desejos ambiciosos, que se destinam a elevar a personalidade do sujeito, ou são desejos eróticos. (FREUD, 1908, pag. 137-138).

Diante dessa perspectiva teórica, podemos considerar que a dona de casa, não se mostrava feliz, tendo em vista, que ela escreve cartas obscenas para si mesma, como forma de entretenimento para dar vazão a vida rotineira que possuía. No entanto essas cartas revelam as enunciações luxuriosas das suas fantasias, deixando os rastros do seu desejo escritos por um caminho de cartas.

Essas epístolas ora se tornam pulsões de vida (eróticas), tendo em vista que a protagonista se sente vívida ao receber as cartas e ao se sentir desejada, “Começo a ficar ansiosa de manhã, esperando o momento dele chegar e imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas” (BRANDÃO, 2009, Pag. 470). Bem como, esse veículo possibilita colocar em ação as performances da carne que não tinha coragem de realizar com o marido; ora se tornam pulsões de morte (tanáticas) advindo

do medo de ser descoberta pelos vizinhos e marido, além do medo de ser privada de receber as cartas “amo estas cartas, necessito, se elas pararem vou morrer” (BRANDÃO, 2009, Pag. 470). A personagem também se coloca em risco de ser apanhada pelo marido, “cochilo um pouco, acordo assustada. E se meu marido chega e me vê com a carta? Dobro, recoloco no envelope. Vou a despensa, jogo a carta na cesta de natal(...)” (BRANDÃO, 2009, Pag. 470).

De acordo com o texto contribuições à psicologia do amor, Freud relata: “No clímax de sua vida de mulher, vivendo uma relação deteriorada com o marido, seu desejo se impusesse, restar-lhe-ia a infelicidade, a infidelidade ou a neurose” (FREUD, 1910, p. 182). As fantasias da dona de casa é uma maneira que ela encontra de romper com algum desses fatídicos desfechos. Embora a trama forneça, inicialmente, elementos que esta mulher possa trair o marido, mas há um desfecho narrativo mostrando que ela encontra outras maneiras de representar, subjetivamente, a sexualidade, sustentando-se a partir da criação mimeticamente poética as transformações do seu desejo.

A personagem inominável encontra maneiras de interditar a sua libido a partir da linguagem, pois ao escolher escrever as cartas discursivamente pornográficas, ela controla as pulsões eróticas do seu desejo. Distanciando-se da infelicidade do casamento, da infidelidade ou da neurose.

Para Tfouni (2013, pag. 40) o interdito se constitui através do discurso e da linguagem, “porque se fosse possível dizer tudo não diríamos nada, pois tudo já estava dito”. A partir dos pressupostos de Bataille (2014), sem o interdito não poderíamos chegar a consciência clara e objetiva, isso porque o interdito paradoxalmente censura, mas também evoca o objeto censurado. Os interditos controlam os excessos e todo interdito pode ser transgredido. Ao interditar sexualmente, evitando determinadas situações na cama com o marido e também reprimindo falar expressões baixas. Ela transgredir a partir das cartas e isso a torna questionadora do papel em relação a sua sexualidade.

Se bem que se possa divertir, sem precisar se sujeitar a certas coisas. Dessas que a mulher se vê obrigada, para contentar o marido e ele não vá procurar outras. Que diabo, mulher tem que se impor! Que pensam que somos para nos utilizarem? Como se fôssemos aparelhos de barba, com gilete descartável. Um instrumento prático para o dia-a-dia, com hora certa! (BRANDÃO, 2009, Pag. 467).

Apesar dela se colocar numa posição de se impor contra a objetificação da figura feminina, se colocando de uma maneira um tanto mais reflexiva ela esboça e outro momento o seu tabu em relação o sexo oral que o seu marido se propõe a ofertar a ela.

Não posso esquecer um dia que os pelinhos do bigode me rasparam, ele estava com a cabeça entre as minhas pernas, brincando. Vinha subindo, fechei as pernas, não vou deixar fazer porcarias deste tipo. Quem pensa que sou? Os homens experimentam, se a mulher deixa, vão dizer que sou da vida. Puta, dizem puta, mas é palavra que me desagrada. E o bigode faz cócegas, ri, ele achou que eu tinha gostado, quis tentar de novo, tive de ser franca, desagradável. Ele ficou mole, inteirinho, durante mais de duas semanas nada aconteceu. O que é um alívio para a mulher. (BRANDÃO, 2009, Pag. 467).

A literatura vem nos ajudar a descortinar o véu do estereótipo, da sexualidade feminina e masculina, fazendo-nos pensar sobre a constituição desses papéis sociais sobre a representação erótica desses sujeitos. Durigan (1985, pag. 11) nos faz refletir sobre essas questões no seu livro *Erotismo e literatura*.

A relação entre a prefixação de espaços para a representação sexual e o comportamento pelo menos ambíguo das metalinguagens obrigou o erótico a refugiar-se no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas, do sussurro, que, com o tempo, passaram a ser aceitos quase como suas características absolutas.

O interdito se constitui no sujeito a partir do tabu que é construído socialmente como normas, valores e morais de cada época.

Uma vez, o marido tinha dito, resfolegante, no seu ouvido, logo depois de casada, minha linda bocetinha. E ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar. Nem dizia gozar, usava ter prazer, atingir o orgasmo. Ficou louca da vida no chá de cozinha de uma amiga, as meninas brincando, morriam de rir quando ouviam a palavra orgasmo. (BRANDÃO, 2009, Pag. 465).

O interdito tem uma estreita relação com o erotismo, que para Bataille (2014 p.36) “se define pela independência entre gozo erótico e reprodução”, sendo, portanto, “equivalente à contemplação poética: é considerado como uma experiência ligada à vida” (p.31). Sendo o erotismo considerado como uma experiência ligada à vida, assim,

a inibição desse erotismo pode ser considerada como uma experiência ligada à morte desse sujeito.

Dessa maneira, essa mulher adorna configurações de um desejo que só consegue espaço de realização através da corporificação do gozo pela palavra. Para Françoise Dolto (1996, 228) o desejo se organiza no campo da linguagem. “A linguagem trocada com o outro, a recordação das palavras ditas, se revestem de sentidos. O próprio corpo se torna um meio de lembrança do outro”. “Na ausência de palavras trocadas com o ser amado, todo indivíduo reencontra a linguagem do seu corpo subjacente à linguagem das palavras, alívio de sua dor”.

Desse modo, a protagonista transfere a sua energia libidinal para o próprio ato de sentir-se desejada, reação, esta, que ela nutria ao receber as cartas, além de sentir-se eufórica.

Se o marido, algum dia, tivesse proposto um décimo daquilo, teria pulado da cama, vestido a roupa e voltado para casa da mãe. Que era o único lugar para onde poderia voltar, saíra de casa para se casar. Bem, para falar a verdade, não teria voltado. Porque a mãe iria perguntar, ela teria que responder com honestidade. A mãe diria ao pai, para se desabafar. O pai, por sua vez, deixaria escapar no bar da esquina, entre amigos. E homem, sabe-se como é, é aproveitador, não deixa escapar ocasião de humilhar a mulher, desprezar, pisar em cima (BRANDÃO, 2009, Pag. 465).

Com efeito, encontra-se moralmente compelida a falar dos seus desejos com o marido. Pois sentindo-se obrigada pela instituição do casamento a desempenhar determinados papéis, ela se posiciona como uma mulher sexualmente domesticada pela figura masculina.

Ela almeja ser desejada, no entanto, não consegue fazer do seu corpo um caminho de performatividade dos seus desejos carniais. Dessa forma reconfigura-se pela linguagem (discursiva) novos sentidos.

### **Considerações finais**

Tendo em vista a análise do conto *obcenidades para uma dona de casa*, do escritor Ignácio de Loyola Brandão, o conto nos faz perceber que a mulher não

consegue expressar a sua sexualidade na dinâmica da sua vida conjugal. Demonstrando ser frigida com o marido. “O que é um alívio para a mulher. Quando não acontece é feriado, férias.” (BRANDÃO, 2009, Pag. 467). A personagem vive na ambivalência da pulsão de vida e pulsão de morte (Eros e tânatos).

Acreditamos que a expressão da libido sexual na personagem se revela somente por meio da palavra, quando ela transgredir seus interditos e envia as correspondências quebrando com os seus tabus sexuais.

Neste trabalho tivemos o interesse de utilizarmos os pressupostos psicanalíticos para analisar a construção da subjetividade dessa mulher, problematizando os conceitos de erotismo e pornografia mostrando no conto como o seu discurso situa-se no pornográfico. Além de debatermos o conceito de interdito que ao ser transgredido, impulsiona a ação narrativa para a continuidade do sentido de existência sexual da personagem feminina.

## Referências

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Trad: Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello, Rocco, 1993

BATAILLE, G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina: libido, erotismo e frigidez**. Trad: Roberto Cortes de Lacerda. -3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURIGAN, j. A. **Erotismo e literatura**. São Paulo, editora: Ática. Série princípios, 1985.

FREUD, S. (1908 [1907]). **Escritores criativos e devaneio**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MAINGUENEAU, D. **O Discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola editora, 2010



MORAES, L.R. & LAPEIZ, S. M. **O que é pornografia.** São Paulo, Abril cultural, brasiliense. 1985.

MORAES, L.R. **O efeito obsceno.** Cadernos Pagu. Vol.(20) pp.121-130. 2003.

TFOUNI, F.E.V. **Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados.** Rev. Ágora. Rio de Janeiro. v. XVI n. 1 jan/jun 2013

BRANDÃO, I. L. **Os cem melhores contos brasileiros do século.** Organizador: Italo Moriconi. Rio de janeiro: Objetiva, 2009.